

## EXISTENCIALISMO: FUNDAMENTOS E CONCEITOS DA EXISTÊNCIA PARA A ATUALIDADE

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.957112430091>

*Data de aceite: 30/09/2024*

### **Fabio Araujo Dias**

Universidade Federal Fluminense, Niterói,  
RJ  
<https://orcid.org/0000-0002-5659-1458>

### **Eliane Ramos Pereira**

Universidade Federal Fluminense, Niterói,  
RJ  
<https://orcid.org/0000-0002-6381-3979>

### **Rose Mary Costa Rosa Andrade Silva**

Universidade Federal Fluminense, Niterói,  
RJ  
<https://orcid.org/0000-0002-4310-8711>

### **Angélica Yolanda Bueno Bejarano Vale de Medeiros**

Universidade Federal Fluminense, Niterói,  
RJ  
<https://orcid.org/0000-0001-9061-4476>

**RESUMO:** O existencialismo surgiu como uma corrente filosófica centrada na experiência humana e na busca por sentido. Foi iniciado por Kierkegaard, e teve grande desenvolvimento com Heidegger e Sartre. A corrente explora o conceito de que o ser humano é responsável por sua existência, e que, para viver autenticamente, deve criar seu próprio sentido para a vida. Heidegger

identificou três aspectos essenciais do ser humano: ele age, pensa, relaciona-se e está ligado ao tempo, transcendendo seus ideais. Sartre complementa ao dizer que o homem é inicialmente um “nada”, mas se transforma em “ser-para-si” por meio da consciência. A construção da essência ocorre pelas escolhas, que também geram angústia e responsabilidade. Assim, o existencialismo coloca a liberdade humana no centro da busca por significado. O objetivo do presente estudo é apresentar as principais características dessa corrente filosófica, apresentando os mais importantes filósofos responsáveis pela representação do que se tem por existencialismo. O método adotado foi a pesquisa bibliográfica em diversas bases científicas e livros. Conclui-se que as teorias existencialistas alcançaram tamanha força que influenciou outros campos epistemológicos, como a Psicologia, sobretudo nas abordagens existenciais e humanistas, e o Direito, no qual a própria Constituição Federal brasileira introduziu aspectos existencialistas, ao defender o direito essencial que o ser humano tem de existir com sua liberdade, responsabilidade e direitos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Existencialismo. Filosofia. Fenomenologia. Psicologia.

## INTRODUÇÃO

O existencialismo é uma corrente filosófica que surgiu no final do século XIX, na Europa, e, logo após a Segunda Guerra Mundial, começou a ganhar notoriedade a partir do existencialismo francês. O período de seu surgimento contou com uma Europa mergulhada nas sequelas da guerra, reprimida por crises políticas, econômicas, sociais, morais, etc., e isso influenciou o desenvolvimento dessa corrente (TOSCANO, 2023).

A traumática experiência deixada pela guerra trouxe a descrença dos valores tradicionais e abalou a confiança da humanidade em si mesma. Isso acarretou a investigação filosófica sobre a existência humana, centrando-se na experiência vivida daquele que pensa, sente e age (SOUSA; BOECHAT, 2021)consequentemente rompe-se com a dualidade sujeito-objeto e sujeito-mundo. Como afirma Benedito Nunes (2002, p.14. Muito se relacionou o existencialismo com uma sensação de desespero e confusão diante de um mundo aparentemente sem sentido. Assim, os existencialistas passaram a ser acusados de pregar ideias dissolventes, ou seja, ideias em oposição às filosofias tradicionais, que corrompiam e desorganizavam o tradicionalismo (TOSCANO, 2023) .

As teorias existencialistas se divergiam do tradicionalismo burguês pregado na época, no fato de que o existencialismo dava foco à liberdade de ser, ao sentido da vida, à responsabilidade, à angústia, à finitude, à autenticidade e ao tédio (REYNOLDS, 2014). Ao tratar esses temas, dois nomes se destacaram, sendo Martin Heidegger (1889-1976), que expôs suas principais ideias acerca da existência do ser na obra *Ser e Tempo*, e Jean-Paul Sartre (1905-1980), cuja obra *O Ser e o Nada* é fundamental para entender os princípios de sua teoria existencialista. No entanto, cabe destacar que seus demais trabalhos também contam com importantes ideias existencialistas.

A relevância do presente estudo está na contemporaneidade dos temas tratados pelo existencialismo na sociedade. A liberdade, a busca pelo sentido da vida e pela existência humana ainda geram amplas discussões não apenas no campo da Filosofia. Mesmo a Constituição da República Federativa do Brasil, atualmente, coloca a liberdade como um direito fundamental (GONÇALVES, 2018). O pensamento e a reflexão sobre o ser são alvo da Psicologia e Antropologia (SCHNEIDER, 2008). São muitos os campos epistemológicos que podem contar com a influência ou a aplicação da perspectiva existencialista, e conhecer tais campos e como se relacionam com o existencialismo é essencial, sendo, também, o que se espera com esse estudo.

## OBJETIVO

Esse estudo foi desenvolvido com o objetivo de trazer as principais características do existencialismo como uma corrente filosófica e apresentar os mais importantes filósofos responsáveis pela representação do que se tem por existencialismo. Para tal, buscou-se responder algumas questões, como: O que é o existencialismo? Que teorias ou correntes filosóficas influenciaram o seu surgimento? Como essa filosofia pode ser trazida aos dias atuais? Como e para quais campos epistemológicos o existencialismo contribui?

## METÓDO

Como método desse estudo aplica-se a pesquisa bibliográfica, que, através da coleta de dados e informações entre as fontes teóricas selecionadas, permite tomar conhecimento ou se aprofundar no tema discutido a partir da busca, leitura e análise (PEREIRA et al., 2018).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como estratégia para responder as questões de investigação foram definidas as seguintes temáticas: (1) As correntes existencialistas; (2) Os antecedentes filosóficos: o surgimento do existencialismo; (3) Existencialismo: sentido da vida e condição humana; e (4) A visão existencialista para a atualidade.

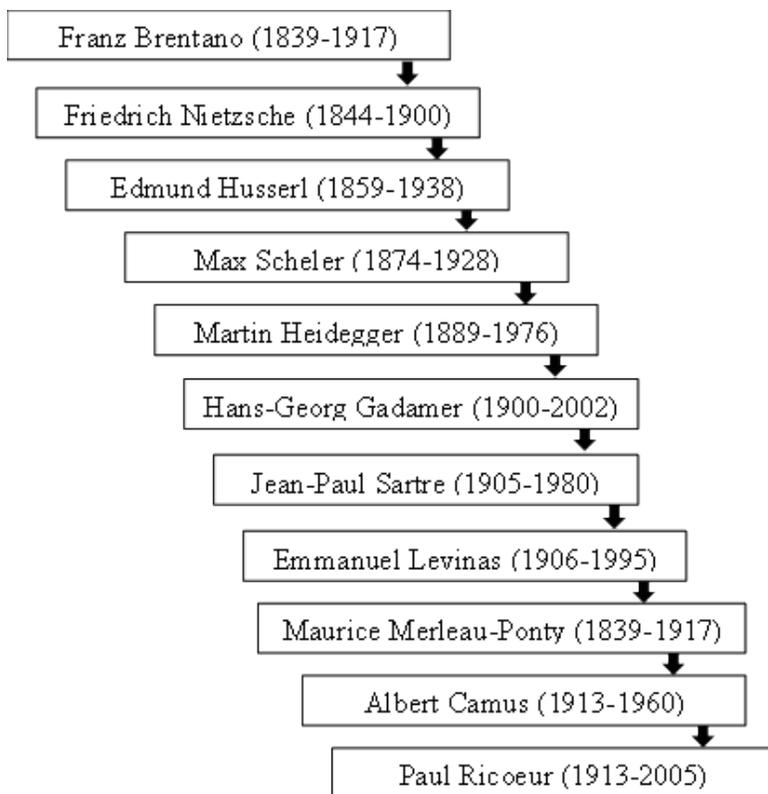
### As correntes existencialistas

O termo “existencialismo” se refere a um sistema doutrinário que conta com pensamentos que convergem ou apresentam pontos em comum em relação à existência e passou a ser usado para toda filosofia que trata da existência humana. Embora os filósofos existencialistas contem com diferenças teóricas, o foco de seus estudos nos seres humanos, nos seus sentimentos e nas suas vidas enquanto seres singulares, aproxima-os. Esse foco na existência em sua singularidade que os tornam existencialistas (TOSCANO, 2023). Considerando, porém, que, após o período socrático, os filósofos passaram a dar cada vez mais atenção à figura do ser humano, cabe ressaltar que existe uma divergência entre os filósofos do existencialismo e os demais filósofos que tratam a questão do ser, diferença percebida no fato de que os existencialistas não buscam descobrir uma verdade, um destino ou uma origem para o ser humano, mas se atentam para o sentimento, a vida cotidiana do ser humano e a singularidade que cada pessoa é (LISBOA, 2016).

Na Filosofia, podem ser encontradas ideias e teorias que tiveram parte, mesmo que pouca, como influentes ao surgimento do existencialismo. Toscano (2023) retoma ideias de filósofos que, mesmo sem intenção e sem qualquer envolvimento com as teorias existencialistas, já trabalhavam a questão de ser a filosofia a ciência do existente enquanto existe. Como colocado pelo autor, Sócrates (aproximadamente 469-399 a.C.), filósofo grego da Antiguidade, ao dizer “conhece-te a ti mesmo”, já mostrava preocupação com a análise da existência humana. Em René Descartes (1596-1650), filósofo francês da Modernidade, também se pode perceber uma passagem de cunho existencialista, quando o filósofo afirma que, após várias experiências, resolveu estudar a si próprio, dedicando-se a escolher os caminhos a seguir. Mesmo Voltaire (1694-1778), filósofo francês, também da Modernidade, já aconselhava que não fosse perdida a medida humana das coisas.

De fato, podem ser encontradas passagens de cunho existencialista em alguns filósofos de diferentes períodos filosóficos, mas a fonte de inspiração da existência humana como um problema filosófico pode ser encontrada em Martin Heidegger (1889-1976), que foi influenciado pelo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900) e, este, pelo dinamarquês Søren Kierkegaard (1813-1855). Kierkegaard é considerado o pai do existencialismo, pois foi o primeiro filósofo a colocar questões existencialistas de maneira explícita como foco principal do exame filosófico. Todavia, nem Kierkegaard nem Nietzsche se definiam como existencialistas, essa definição veio no século XX, ganhando, então, maior força com Heidegger, através do conceito de *Dasein*, termo usado pelo filósofo para nomear o modo de ser especificamente humano e questionar a tradição metafísica ocidental (PIMENTEL-SOUZA, 2018).

Para situar de forma cronológica o existencialismo, a Figura 1 apresenta os principais pensadores em fenomenologia e existencialismo:



**Figura 1** – Ordem cronológica de pensadores da fenomenologia e existencialismo

Fonte: Elaborado pelos autores, 2024.

No quadro 1, há apresentação dos principais pensadores da fenomenologia e existencialismo em ordem alfabética:

PENSADOR	CONCEITOS	DESCRIÇÃO
Albert Camus (1913-1960)	Vida, consciência, sentido, absurdo	Como o ser humano tem consciência, sente que a vida tem sentido, mas sabe que o universo como um todo não tem sentido. Com isso, a vida é uma contradição. Para viver bem, o ser humano precisa superar essa contradição, aceitando a falta de sentido na existência e abraçando o absurdo. A vida será mais bem vivida se não tiver sentido por permitir a liberdade plena. O absurdo é o sentimento experienciado pelo ser humano ao reconhecer que os sentidos conferidos à vida não existem para além da própria consciência.
Edmund Husserl (1859-1938)	Ciência, experiência, epoché	A experiência em si não é ciência. A ciência aspira à certeza em relação ao mundo, mas a ciência é empírica, logo depende da experiência. A experiência é sujeita a suposições e predisposições. Então, por si, a experiência não é ciência. Nesse sentido, a fenomenologia aponta para uma investigação filosófica sobre os fenômenos da experiência. Para tanto, é necessária a “epoché”, ou seja, a suspensão dos juízos e suposições sobre os fenômenos, colocar o mundo entre parênteses, assumir uma posição de estranhamento e aproximação do mundo como que o descobrindo pela primeira vez.
Emmanuel Levinas (1906-1995)	Comunicação, linguagem, responsabilidade, intersubjetividade	A razão vive na linguagem, esta como o meio pelo qual os seres humanos se comunicam entre si antes mesmo de verbalizar algo. A comunicação, portanto, é inevitável. A presença percebida do outro comunica algo, e o lidar com essa comunicação traz implicações em termos de postura ética frente ao outro. Trata-se de uma fenomenologia da responsabilidade intersubjetiva.
Franz Brentano (1839-1917)	Intencionalidade	Precursor do movimento fenomenológico em filosofia, sendo mestre de Edmund Husserl. Para Brentano, os processos mentais são atos intencionais (não são passivos). Consciência é sempre consciência de alguma coisa, ou seja, sempre aponta para um objeto. Brentano propõe seis critérios para distinguir os fenômenos mentais dos fenômenos físicos: (1) os fenômenos mentais são o objeto exclusivo da percepção interna; (2) sempre aparecem como uma unidade; (3) são sempre intencionalmente direcionados para um objeto; (4) são representações ou fenômenos baseados em representações; (5) parecem não ter extensão espacial; (6) têm existência intencional e existência real.
Friedrich Nietzsche (1844-1900)	Humanidade, moralidade, Deus	Propõe a reavaliação de todos os valores. “Deus está morto”, ou seja, os valores considerados elevados e previamente herdados não devem ter efeito sobre o homem, pois este deve construir seus valores na existência, afirmar a vida presente, intuir o que é bom e o que lhe causa alegria. Mundo aparente e mundo real são um só (diferentemente do que Platão defende), o que leva o ser humano a reconsiderar seus valores, até mesmo o significado do que é ser humano. Nesse sentido, o homem cria a si mesmo.
Hans-Georg Gadamer (1900-2002)	Hermenêutica, compreensão	Influenciado por Heidegger, defende que a compreensão do mundo pelo ser humano se dá por meio da interpretação (hermenêutica), ocorrendo dentro de uma época histórica particular. Portanto, a compreensão é sempre a partir de uma perspectiva que se dá num ponto particular da história. Nesse sentido, não há possibilidade de interpretação numa perspectiva absolutamente objetiva, fora da história e da cultura.
Jean-Paul Sartre (1905-1980)	Existência, essência, liberdade, responsabilidade	A existência precede a essência. Portanto, não há uma natureza humana a priori, fixa, atemporal, determinante, teleológica. Se assim o fosse, não haveria liberdade existencial ao humano. Cada um elabora seu próprio propósito na existência. As escolhas humanas são possíveis pela liberdade e traz consigo responsabilidade pelas escolhas feitas. Nesse sentido, o ser humano está “condenado a ser livre”.

Martin Heidegger (1889-1976)	Dasein, temporalidade, devir, finitude	Propõe o exame do “ser” para o qual ser é um tema. Isso caracteriza o dasein (palavra alemã que significa “ser a”, para designar a existência que é tipicamente humana). A existência é definida pelo próprio ser humano na temporalidade. Portanto, o dasein não se define e está em devir no mundo em abertura de possibilidades e em finitude temporal.
Maurice Merleau-Ponty (1908-1961)	Percepção, corpo, experiência	A experiência é mental (Husserl defendia apenas este aspecto) e corporal. Mente e corpo são inseparáveis (diferentemente do que é defendido por Descartes – dualismo cartesiano). Pensamento e percepção são incorporados – consciência, mundo, corpo são partes de um único sistema. O corpo-sujeito é sempre um corpo “vivido”.
Max Scheler (1874-1928)	Amor, experiência, conhecimento	Enfatiza o amor como ponte do conhecimento mais pobre para o mais rico. O amor torna as coisas manifestas à experiência, tornando possível o conhecimento. O amor é o determinante da ética, das possibilidades e do destino de uma pessoa. Essencialmente o ser humano é um ser que ama, para além de um ser que pensa.
Paul Ricoeur (1913-2005)	Hermenêutica, discurso, linguagem, compreensão	Tudo o que é inteligível chega ao ser humano por meio do uso da linguagem que se traduz em experiência vivida. A linguagem é polissêmica, pode ter mais de um significado, mais de uma tradução, portanto, todos os usos da linguagem necessariamente requerem interpretação. O significado dos atos do discurso está sempre aberto a novas interpretações, especialmente à medida que o tempo passa e o próprio contexto em que a interpretação ocorre muda. O significado, portanto, não se esgota. A existência é histórica e temporal, e há a necessidade de interpretar para dar sentido à própria vida. A reflexão crítica e a imaginação permitem a passagem de uma compreensão inicial para uma compreensão maior. O ser humano habita o seu mundo projetado e possível pela hermenêutica e autocompreensão.

**Quadro 1** – Pensadores em fenomenologia e existencialismo (ordem alfabética)

Fontes: Elaborado a partir de Buckingham (2016), Pellauer e Dauenhauer (2020), Huemer (2019).

Para compreender o existencialismo a partir da concepção de Heidegger e, também, de Sartre, grandes nomes desta corrente filosófica, cujas teorias ainda são amplamente discutidas, é essencial a obtenção de um conhecimento sobre os antecedentes filosóficos do existencialismo e o seu surgimento a partir das ideias de Kierkegaard e Nietzsche.

Cabe destacar que as correntes existencialistas são divididas principalmente entre o **existencialismo ateu** e o **existencialismo cristão**, ambos centrados na ideia de que “a existência precede a essência”. Embora compartilhem essa base, eles divergem sobre o papel do divino e da fé na experiência humana.

### **Antecedentes filosóficos: o surgimento do existencialismo**

O surgimento do existencialismo no final do século XIX e início do século XX tem suas raízes em várias correntes filosóficas anteriores, que questionaram os sistemas de pensamento estabelecidos e abriram caminho para a reflexão sobre a liberdade individual, a subjetividade e a existência humana. O existencialismo surgiu a partir do que os filósofos chamam de “angústia existencial”, conceito muito discutido por Jean-Paul Sartre. Essa angústia se percebia na falta de respostas que impedia os seres humanos de entenderem o porquê de suas próprias existências e das coisas que acontecem ao redor, e se percebia na ausência de um sentido no mundo que sofria as consequências das guerras (PEREIRA; MELO, 2012).

## Kierkegaard e o existencialismo cristão

O filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard (1813–1855) é frequentemente considerado o “pai” do “existencialismo cristão”. Ele rejeitou a filosofia sistemática de Hegel, que tentava construir uma totalidade racional para a existência. Kierkegaard focou na subjetividade individual e na relação íntima de cada ser humano com a angústia e o desespero. Ele também introduziu o conceito de “salto de fé”, argumentando que a verdade e o sentido da vida só poderiam ser alcançados por meio de uma relação direta com Deus (EVANS, 2015). Kierkegaard deu início, então, a uma investigação sobre a existência humana.

A princípio, o Existencialismo introduziu um questionamento: como encontrar uma verdade absoluta sobre o homem? No entanto, logo se confirmou não ser possível encontrar respostas definitivas nesse sentido, e, isso, por uma simples razão: primeiro o homem existe, depois ele se faz. Em histórias ainda não escritas não se pode encontrar teorias seguras, que se coloquem como verdade absoluta (LISBOA, 2016). Kierkegaard trouxe um novo conceito de verdade, a verdade subjetiva, ao entender que é na subjetividade que está o lugar da experiência vivida de modo concreto e singular (PIMENTEL-SOUZA, 2018).

Para Kierkegaard, a subjetividade é absoluta, porém, esse seu caráter absoluto não significa que ela seja algo como uma realização lógica completa. Dizer que a subjetividade é absoluta, na verdade, é dizer que, para o homem, é *absolutamente* impossível superar a sua condição finita. Absolutamente encerrada na finitude está a experiência humana, mostrando-se como uma singularidade individual que deve ser vivida em cada caso específico. Ele também concebe a experiência subjetiva como irredutível (SILVA, 2010). O existencialismo traz uma concepção de um “homem novo”, que é colocado como o verdadeiro responsável por se constituir, construir sua vivência, e isso pode ser feito, considerando ser o homem livre, através da escolha de inúmeras possibilidades no decorrer de sua trajetória (LISBOA, 2016).

Por ser o ser humano aquele que dá um significado a sua vida, construindo e definindo o que faz e o que é, Kierkegaard afirma que não existe um sentido a ser encontrado no mundo se não o sentido que a própria pessoa dá à sua vida. Ao afirmar a ausência de um propósito ou a falta de sentido provida pelo universo, o filósofo introduz o que ele chama de “Absurdo”. O Absurdo se refere ao conflito existente entre a tendência humana de se buscar um significado inerente à vida e a incapacidade humana de encontrar tal significado em um mundo aparentemente sem propósito. Nesse sentido, o Absurdo, na teoria de Kierkegaard, diz respeito àquilo que é “humanamente impossível”, e é um resultado da contrariedade inerente ao convívio do espírito com o mundo (PIMENTA, 2016).

Kierkegaard é um filósofo religioso, que afirma um “existencialismo cristão”, cujas raízes remontam a Santo Agostinho. Essa perspectiva se baseia em um universo fundamentalmente paradoxal, sendo o seu maior paradoxo a união transcendente de Deus e do homem na pessoa de Jesus Cristo. Para o filósofo, Deus é o Ser que supera todas as normas morais estabelecidas, bem como as estruturas sociais e normas comuns. Ele é o Ser que afirma que seguir as convenções sociais é uma escolha pessoal que os indivíduos fazem. Em sua teoria, o ser humano existe em uma das três esferas de existência (a estética, a ética e a religiosa), sendo que a maioria das pessoas vivem na esfera estética, na qual nada importa, apenas o prazer, a felicidade e a aparência (SILVA, 2010).

Apesar de ser um filósofo cujas teorias apontam para um existencialismo cristão, Kierkegaard é muito criticado por demais filósofos existencialistas, como Albert Camus, que questiona o Absurdo apresentado por Kierkegaard, e chega a dizer que o filósofo comete um suicídio filosófico de aspiração religiosa (PIMENTA, 2016).

### *Nietzsche e o existencialismo ateu*

Por outro lado, Friedrich Nietzsche, (1844–1900) desenvolveu o que mais tarde se tornaria uma importante base para o “existencialismo ateu”. Nietzsche criticou profundamente o cristianismo e as tradições morais ocidentais, especialmente a ideia de que a vida tem um sentido preestabelecido ou que existe uma moralidade objetiva. Sua célebre declaração de que “Deus está morto” (NIETZSCHE, 1882) não apenas questionava a crença em Deus, mas também indicava a ausência de um propósito ou valor transcendental na vida humana, lançando o indivíduo na tarefa de criar seu próprio significado.

Embora dê mais atenção a um existencialismo ateu, dá seguimento ao pensamento de Kierkegaard ao propor, também, a “ausência de sentido” no mundo. Porém, sua “ausência de sentido” se dá a partir da “Morte de Deus”. Essa é uma ideia famosa de Nietzsche e, muitas vezes, mal interpretada. Quando o filósofo fala da “Morte de Deus”, ele não está simplesmente fazendo uma crítica isolada à religião cristã ou apresentando uma posição pessoal como ateu. A Morte de Deus é, para ele, sinônimo de falência da metafísica, refere-se à ausência de qualquer princípio. Para Nietzsche, os homens podem se destituir de normas, crenças, dogmas e tradições, portanto, são capazes de reger suas próprias vidas e construir sua vivência, isso é o que ele denomina por “livre-arbítrio”. Logo, o livre-arbítrio resulta na criação dos “homens novos” do existencialismo.

A liberdade é um conceito muito presente na filosofia existencialista, isso é perceptível nas ideias existencialistas de Kierkegaard e Nietzsche. Ambos defendem que os indivíduos têm total liberdade para tomar decisões racionais, mesmo que vivam em um universo absurdo, irracional, desprovido de sentido, e que devem assumir responsabilidade pessoal por suas escolhas e decisões. Assim, a felicidade, a tristeza e os demais sentimentos experimentados pelo ser humano são criados por ele próprio, e isso é possível porque há a liberdade (LISBOA, 2016).

Alguns estudiosos colocam Nietzsche, da mesma forma que colocam Kierkegaard, não como um existencialista, mas como um pré-existencialista, cujo pensamento influenciou em larga escala os existencialistas do século XX. Entre os filósofos influenciados pelo pensamento de Nietzsche estão Martin Heidegger e Jean-Paul Sartre, que se destacaram, também, na Filosofia Contemporânea com suas teorias existencialistas.

### *Edmund Husserl e a intencionalidade da consciência*

Durante o século XIX, a filosofia ocidental começou a abandonar os sistemas metafísicos rígidos e os modelos de pensamento racionalista herdados da Era das Luzes. O romantismo e a fenomenologia foram movimentos cruciais para esse rompimento. O romantismo enfatizou a importância das emoções, da subjetividade e da natureza, contrastando com o racionalismo cartesiano. Arthur Schopenhauer (1788-1860), um dos filósofos influenciados pelo romantismo, foi crítico do otimismo de pensadores como Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) e propôs uma visão pessimista da vida, centrada no sofrimento e no desejo insaciável (YOUNG, 2018).

A fenomenologia, desenvolvida por Edmund Husserl (1859-1938) no início do século XX, foi outro antecedente direto do existencialismo. Husserl rejeitava a abstração das filosofias anteriores e propunha uma análise direta da experiência consciente. Para ele, a consciência é intencional, dado que está sempre dirigida a um objeto. Isso preparou o terreno para que filósofos como Martin Heidegger (1889-1976) e Jean-Paul Sartre (1905-1980) focassem na existência concreta, no ser humano individual e em como este experiencia o mundo.

### *Martin Heidegger e a Questão do Ser*

Martin Heidegger (1889–1976) foi uma figura fundamental na transição para o existencialismo. Em sua obra *Ser e Tempo* (1927), Heidegger investigou a questão do ser em si, com especial atenção ao ser humano (ou *Dasein*), que é singular por ser consciente de sua própria existência. Heidegger explorou temas como a temporalidade, a mortalidade e a autenticidade, influenciando diretamente o existencialismo de Sartre. Embora não tenha se identificado diretamente como existencialista, suas ideias sobre a finitude e a busca de sentido individual foram cruciais para o desenvolvimento da corrente (DREYFUS, 1991).

### *O Existencialismo como Reação ao Racionalismo e ao Idealismo*

O existencialismo, em grande parte, se desenvolveu como uma reação às correntes racionalistas e idealistas que dominaram a filosofia europeia no século XIX. Hegel (1770-1831) e o idealismo alemão acreditavam na possibilidade de uma razão totalizante, que poderia explicar toda a realidade. Os existencialistas, por outro lado, argumentavam que a existência humana é marcada pela irracionalidade, pelo absurdo e pela incapacidade de compreender plenamente o mundo através de sistemas de pensamento fechados.

Essa rejeição dos sistemas filosóficos que pretendiam explicar a totalidade da existência e o foco na experiência individual e na liberdade foi o impulso decisivo para o surgimento do existencialismo no século XX, especialmente na obra de Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir (1908-1986), que exploraram as implicações dessa liberdade radical e da ausência de um sentido preestabelecido (FLYNN, 2014).

Assim, o existencialismo nasceu em um momento de transição e crise na filosofia europeia, reagindo às grandes tradições racionalistas e idealistas que buscavam totalizar o conhecimento e a realidade. Inspirado por pensadores como Kierkegaard, Nietzsche e Heidegger, o existencialismo colocou a existência humana e a subjetividade no centro da investigação filosófica, destacando a liberdade, a angústia e a necessidade de criar sentido em um mundo aparentemente desprovido de valores transcendentais.

### **Existencialismo: sentido da vida e condição humana**

Para os filósofos existencialistas, a vida humana é baseada na angústia, no absurdo e na náusea provocada com o fato de a vida não possuir um sentido para além da própria existência. Esse sentido é, então, construído por uma pessoa, em sua existência, a partir de suas escolhas, uma vez que possui liberdade incondicional. A essência humana se desenvolve a partir da vivência de cada um, através das experiências que o ser humano alcança no mundo. Dessa forma, no existencialismo, a essência humana, que é colocada por filósofos anteriores como algo com o qual a pessoa já nasce, será construída no decorrer da vida de uma pessoa através de suas escolhas, sendo esta, também, uma das ideias que separam os existencialistas dos demais filósofos (PEREIRA; MELO, 2012).

Essa corrente afirma que todas as pessoas são livres para escolher e tomar decisões. A liberdade é um conceito essencial encontrado dentro do existencialismo, além de ser muito discutida nas obras de Sartre. Ela pode ser caracterizada como a escolha que o homem faz de seu próprio ser e do mundo. No entanto, por ser uma escolha, ao ser feita, indica muitas outras escolhas divergentes que, de alguma forma, afetam a vida do ser humano (PEREIRA; MELO, 2012).

Na concepção de Sartre, quando se fala em liberdade no existencialismo, deve-se observar que ele sempre aparece acompanhado por dois outros conceitos, também muito importantes para essa corrente filosófica, que são: a angústia e o nada. Para Sartre, a liberdade é uma obrigação do ser humano. Não há determinismo, somos obrigados a ser livres. A angústia se mostra ao ser humano como um sintoma de sua condição de abandono, ao ser colocado em um mundo e desprovido de parâmetros para justificar sua conduta. E o nada diz respeito à consciência. Ele tem sua origem como um reflexo direto da condição do ser-para-si como uma realidade concreta no mundo. Nesse sentido, ao tratar um desses conceitos, se faz necessário falar dos outros dois, pois estão interligados. São esses três conceitos que definem o que filósofos chamam de condição humana, ou realidade humana, sendo aquilo que caracteriza o ser humano no mundo. A condição humana traz um ponto fundamental para o existencialismo, pois é só a partir das realizações do homem que o ser surge no mundo e constrói um sentido para a sua vida (LUSTOSA, 2019).

Heidegger apresenta amplas reflexões acerca do sentido do ser. Para ele, por estar constantemente presente na vida cotidiana do homem com o mundo, o ser é o conceito mais universal, porém também é o mais obscuro, assim, exige discussão e reflexão. Esse obscurecimento sobre a questão do ser se dá devido à forma como a questão foi colocada pela ontologia tradicional ocidental, simplesmente concebido como dado, não havendo um questionamento do ser em seu sentido (BRAGA; FARINHA, 2017). Logo, entender o sentido da vida e da existência humana, bem como a condição humana, são pontos centrais do existencialismo. E essas discussões podem ser observadas principalmente no trabalho de Heidegger e Sartre.

### *Heidegger: o sentido da existência humana*

A obra *Ser e Tempo*, de Martin Heidegger, é um marco na investigação fenomenológica e, também, no existencialismo, por trazer uma acentuação ontológica-existencial. Trata-se, também, de uma obra que é uma das maiores influências para o surgimento da psicologia fenomenológico-existencial. Nesta, Heidegger introduz o conceito de *Dasein*, que é sempre relação com o próprio ser, cujas características são chamadas de existenciais (ROEHE; DUTRA, 2014). O filósofo viu a necessidade de tratar a questão do ser porque, para ele, era uma questão que, estudada ao longo da história da filosofia, jamais foi resolvida. Ao estudar tal questão, ele conclui que o ser não apenas não pode ser definido, como jamais se deixa determinar em seu sentido por outra coisa nem como outra coisa. O ser pode ser determinado somente a partir de seu sentido como ele mesmo, ou seja, ele é autônomo, indefinível e independente (SOUSA; BOECHAT, 2021)

Então, Heidegger denomina o modo de ser do homem como *Dasein*, que é o *ser-aí*. O *Dasein* é uma presença que engloba a pessoa no conjunto, como existente humano, presença esta privilegiada por possuir no próprio ser a possibilidade de questionar sobre o sentido do ser. Nesse sentido, o questionamento de Heidegger se dá em relação ao plano ontológico, também chamado existencial, que considera o indivíduo como ser-no-mundo. Nesse plano existem os existentes que ele chama de *Dasein*, há as coisas, denominadas como entes simplesmente dados, e há uma relação entre *Dasein* e as coisas, sendo estas significadas pelo ser-aí. Além desse plano, existe o plano ôntico, chamado “existenciário”. Este compreende o que se manifesta entre as possibilidades ontológicas do ser, referindo-se ao próprio ente do modo como se mostra enquanto fenômeno (BRAGA; FARINHA, 2017).

No existencialismo heideggeriano, a compreensão do ser ocorre a partir dele próprio por meio das possibilidades mediadas pelos feitos que compõem a cotidianidade desse ser. O ser humano é o único ente em que o modo ser traz a possibilidade de interrogar-se, já que a condição ontológica de indeterminação e a dimensão ôntica estão em seu horizonte. Dessa forma, o ser humano conta com um horizonte de possibilidades que lhe permite compreender a si próprio, lidando com o sentido das vivências presentes em seu contexto existencial. Porém, é importante compreender que o ser não está sozinho na teoria de Heidegger. Onde há o ser, há o ente. Há, portanto, um processo cooriginário ôntico-ontológico (BRAGA; FARINHA, 2017).

O ente é o ôntico que se desvela ao ser e é descrito por este. Portanto, o ente é presença na medida que se presentifica fenomenologicamente no ser. Qualquer coisa da qual se fala ou a qual se refere, é um ente. O ente diz respeito a muitas coisas e em sentidos diferentes, pode ser um ser humano, um animal, um objeto ou qualquer outra coisa. É aquilo que é, como é. Porém o ser humano é o único ente capaz de ter acesso ao ser, o único capaz de extrair o sentido do ser, por isso, é o único ser que pode construir o sentido da existência e a sua essência a partir de sua vivência. O homem é um ente que tem relação singular com seu ser. Por outro lado, o ser não é um ente, ele apenas se manifesta como ser de um ente (SOUSA; BOECHAT, 2021)

Em sua definição de *ser-aí*, ou *Dasein*, Heidegger identifica traços fundamentais aos quais denomina existenciais, que são característicos do ser. O primeiro traço existencial é o ser-no-mundo, designando o ser em relação com algo ou com alguém, assim, ele é um ser-no-mundo, também colocado como ser-em-situação. Esse ser não está, porém, preso à situação em que se encontra, por ser dinâmico pode sempre tornar-se algo novo em sua singularidade. O segundo traço existencial de ser é a existência, que permite ao homem transcender, isto é, ser fora de si, diante de si, por seus ideais, planos e possibilidades. A existência permite que o ser transcenda o que é a cada momento em sua imanência, assim o é com a essência do ser humano, construída a partir das escolhas deste em devir. O terceiro traço existencial é a temporalidade, que diz respeito àquilo que é transitório, que passa com o tempo, não sendo, porém, o tempo em si. A existência se dá em caráter temporal e finito, portanto não se pode haver separação entre existência e temporalidade. Esta une, não apenas a essência com a existência, mas une os sentidos do existir, constituindo assim a totalidade do ser. Assim, somente o ser humano é capaz de se relacionar conscientemente, agir, pensar, se construir constantemente, transcender seus ideais, projetar-se para além do que é diante do mundo. Existir é construir no presente o futuro em devir, ato pelo qual o ser humano estabelece sua essência, ainda que impermanente, e o sentido da sua existência singular (SOUSA; BOECHAT, 2021)

### *Sartre: a condição humana*

Quando se fala em existencialismo tem-se como um dos maiores nomes dessa corrente o nome de Sartre. Embora tenha sido o dinamarquês Kierkegaard quem primeiramente apresentou uma discussão voltada essencialmente para o existir humano no plano filosófico, toda essa reflexão existencialista evidenciou-se em Sartre, influenciado pelos filósofos antecedentes do existencialismo (GONÇALVES, 2018).

O Existencialismo de Sartre, assim como o do Nietzsche, é ateu. Em sua teoria, o filósofo oferece argumentos a respeito da não existência de Deus. Daí se dá sua afirmação de que a existência precede a essência, pois, se Deus não existe, há pelo menos um ser no qual a existência precede a essência, o ser humano. Nesse sentido, o ser humano existe, surge no mundo, se descobre e, somente depois, irá se definir, definir a sua essência. Então, primeiramente, o ser humano é “nada” (REGINALDO; PEREIRA, 2015).

O “nada” sartreano é um reflexo direto da condição do ser-para-si como uma realidade concreta no mundo. Deve-se compreender, primeiramente, que o ser-para-si não é algo, já que não possui uma essência, ele é pura existência. O ser-para-si está condenado à liberdade, tendo que fazer escolhas para criar a essência que não possui. Logo, ser-para-si não é, mas existe, ao passo que o em-si é. Sua concepção diverge das concepções anteriores do nada, que o tinham como uma dualidade. Para Sartre, o nada de ser uma dualidade existente no sentido de uma essência que fundamentaria toda a estrutura do ser, para se tornar a própria estrutura que possibilita o ser-para-si. O nada não pode ser uma abstração de uma entidade metafísica completamente fora da condição humana, o nada está na própria condição humana (LUSTOSA, 2019).

A filosofia existencialista de Sartre teve influência do alemão Edmund Husserl (1859-1938), importante filósofo contemporâneo, considerado o pai da fenomenologia. Isso pode ser percebido no fato de que é a consciência a chave para a abertura do ser no mundo, que, segundo Husserl, é sempre a consciência intencional de alguma coisa. A consciência possibilita o ser-para-si. No entanto, diferente da concepção de Husserl, em que a consciência humana, ao ser capaz de fazer um movimento fora de si mesma, é a porta para o aparecimento do ser no mundo, em Sartre, a consciência em si mesma é vazia, ou seja, nada, e só pode ser alguma coisa quando é preenchida por algo (LUSTOSA, 2019).

Husserl faz uma crítica à crença de que a realidade se reduz àquilo que se percebe pelos sentidos, para ele é a consciência intelectual que pode auxiliar o ser humano a dominar a natureza e descobrir o sentido de sua existência. Assim, o filósofo apresenta o conceito de intencionalidade, cuja característica fundamental é a consciência, condição fundamental do conhecimento (TOSCANO, 2023).

Para Sartre, a consciência é a intencionalidade pura. Ela está totalmente fora do sujeito, representando a ideia do “eu-no-mundo”. Sua ideia é de que tudo pode ser redutível à consciência, e que o mundo é transcendente à consciência, já que ele pode ser suspenso e submetido a uma investigação fenomenológica. De fato, toda a reflexão inicial do pensamento de Sartre se origina de seu contato com a fenomenologia. Mesmo sua obra *O ser e o Nada*, publicada em 1943, é marcadamente caracterizada por uma ontologia fenomenológico-existencial (DIAS, 2014).

Na obra em questão, de Sartre, a consciência passa a ser associada à ideia de nada, tendo uma conotação positiva, já que o nada não é um déficit, e sim uma riqueza. Dessa forma, a consciência tem um sentido positivo. Assim, o existencialismo de Sartre se afasta do niilismo, corrente filosófica que apresenta uma visão cética radical e sobretudo pessimista em relação às interpretações da realidade, e se aproxima do humanismo, filosofia moral que coloca os humanos como os principais numa escala de importância. O homem, enquanto consciência, é um nada, porém, ele pode realizar sua humanidade, já que tem liberdade para tal, e não pode fugir de sua liberdade. Aqui, cabe destacar que, com certa diferença da teoria heideggeriana, para Sartre, o homem não pode ser entificado, já que ele é consciência, é um puro constituir-se, um puro dever, e reside aí um predicado de otimismo (DIAS, 2014).

No pensamento de Sartre, basicamente, como o ser humano é o único ente consciente no mundo, ele é responsável por quem é e, também, pelo que o resto da humanidade pode ser, considerando que suas ações não influenciam apenas a si mesmo, mas aos outros. O ser humano tem diante de si dois papéis: o de protagonista de sua própria existência e o de redentor de toda a humanidade (LUSTOSA, 2019).

A liberdade do ser humano implica, então, uma escolha, uma decisão tomada, é assim que este constrói sua essência. A liberdade, porém, envolve a angústia existencial, pois o homem vive de escolhas, e essas escolhas geram responsabilidades. Logo, as escolhas do homem sartreano provocam o sentimento de responsabilidade, o que traz angústia ao perceber que é o responsável por si e, na mesma medida, por todo o mundo (PEREIRA; MELO, 2012).

Deve ser destacado que a angústia é importante para que o ser humano aja no mundo. Ainda no ano de em 1945, em uma palestra proferida sob título “*O Existencialismo é um Humanismo*”, Sartre defendeu o existencialismo de uma série de críticas que lhe foram feitas, principalmente as críticas de que essa corrente incitaria o imobilismo em decorrência da angústia e do desespero. Isso porque todas as pessoas conhecem a angústia em determinado momento de suas vidas a partir da escolha e tomada de decisão, mas isso não os impede de agir, pelo contrário, a angústia faz surgir a condição de ação (GONÇALVES, 2018).

É importante ressaltar que, no pensamento sartreano, assim como em Nietzsche, não existe uma consciência infinita e perfeita, uma essência ou bem *a priori*, já que não há a existência de Deus. Em seu plano existencialista só existem pessoas, e esse é o motivo que causa a angústia existencial. O ser humano está desamparado porque não encontra nele próprio nem fora dele nada a que se agarrar. Todavia, quando ele se alcança, descobre-se, e descobre o mundo, o que inclui a alteridade, ele encontra a própria condição de sua existência, sua condição humana (PEREIRA; MELO, 2012).

## **A visão existencialista para a atualidade**

Os conceitos inseridos pelo Existencialismo no final do século XIX e início do século XX tem força ainda na sociedade atual, sendo debatidos e apresentados no meio acadêmico e social. Através de Sartre, a expressão “o existencialismo é um humanismo” se destacou, em sua defesa de que a angústia, da qual se referem os existencialistas, provêm da consciência da responsabilidade que o homem adquire de si, e por esse motivo enseja a ação. Assim, rebateu críticas de que o existencialismo incitaria o imobilismo decorrente da angústia e do desespero (SARTRE, 2010).

O primeiro passo do existencialismo é colocar o ser humano na posse do que ele é, submetendo-o à responsabilidade total de sua existência. Dessa forma, o homem não é responsável apenas por si e seus atos, mas por todos os demais seres humanos. O que o homem entende em sua atitude enquanto indivíduo reflete no coletivo. Na atualidade, essa concepção existencialista pode ser estabelecida nas relações entre as pessoas no trabalho, na religião, em âmbito educacional, familiar e, até mesmo, nas relações mais íntimas, enquanto forma de comunicação e relacionamento afetivo. O homem é livre para escolher, mas seus atos afetam o coletivo (GONÇALVES, 2018).

Trazer a visão existencialista aos dias atuais é lembrar o dever do ser humano frente ao mundo, aceitar o desafio a buscar o sentido da existência, atravessar a angústia, e verter esse sentimento na responsabilidade que uma pessoa tem enquanto ser humano. A própria Constituição Federal brasileira atual possui aspectos existencialistas, ao exercer o direito essencial que o ser humano tem de existir e ter direitos. No mundo atual, os líderes têm o importante papel de assumir responsabilidade por suas vidas e seus atos na sociedade, de usar sua liberdade para construir uma essência focada na melhoria pessoal e profissional de cada um (GONÇALVES, 2018).

Conforme o movimento existencialista se destacava na sociedade do século XX, a psicologia e diversas áreas da saúde e do cuidado em saúde, também foram influenciadas por ele, e passou a dar cada vez mais atenção à existência humana e seus atos na sociedade, envolvendo, também, o humanismo e a fenomenologia (SCHNEIDER, 2008).

Algumas das áreas da saúde que podem se beneficiar desta abordagem existencialista, e podem ter como foco terapêutico as questões relacionadas ao sentido da vida, liberdade, responsabilidade individual, e enfrentamento da morte, são:

## *Psicologia Clínica e Psicoterapia*

**Psicoterapia Existencial:** A psicoterapia existencial é uma abordagem psicológica que já é amplamente utilizada. Ela explora questões como o medo da morte, a busca por sentido, solidão e liberdade. Essa abordagem é eficaz para pacientes que enfrentam crises de identidade, depressão, ansiedade ou transtornos relacionados ao vazio existencial.

**Ansiedade e Depressão:** Pacientes que sofrem de depressão e ansiedade frequentemente têm questões existenciais, como o propósito da vida, incertezas sobre o futuro e crises de significado. A exploração dessas questões pode ajudar a redefinir objetivos e construir uma vida mais significativa.

## *Cuidados Paliativos*

**Enfrentamento da Morte:** A visão existencialista é muito relevante nos cuidados paliativos, onde os pacientes e suas famílias enfrentam a proximidade da morte. Ajudar os pacientes a encontrar um sentido em sua experiência e a lidar com o fim da vida pode proporcionar conforto emocional e espiritual.

**Apoio à Família:** Além dos pacientes, familiares de pessoas em fase terminal muitas vezes passam por angústias existenciais. O suporte psicológico que explora essas questões pode ser crucial para que eles enfrentem a perda e a dor.

## *Psiquiatria*

**Tratamento de Transtornos Psicóticos e de Personalidade:** Algumas abordagens existencialistas podem ser exploradas em contextos psiquiátricos, especialmente com pacientes que experienciam uma desconexão com a realidade ou têm dificuldades em encontrar sentido em suas vidas.

**Reabilitação Psiquiátrica:** Pacientes em processos de reabilitação, especialmente aqueles que perderam o contato com sua própria identidade ou comunidade, podem se beneficiar da exploração de questões existenciais.

## *Aconselhamento religioso*

**Questões de Fé e Espiritualidade:** O existencialismo lida com questões profundas sobre a existência e, em algumas abordagens, pode integrar aspectos de fé e espiritualidade. Em contextos de aconselhamento pastoral ou espiritual, a busca por sentido pode ser explorada de forma terapêutica.

**Crises de Fé:** Pacientes que enfrentam crises espirituais ou religiosas podem ser orientados por meio da abordagem existencialista para encontrarem significado em suas experiências e em suas crenças.

## *Psicossomática*

**Influência de Questões Existenciais na Saúde Física:** Muitas vezes, questões de saúde física estão ligadas ao estado emocional e mental. A visão existencialista pode ser utilizada para tratar pacientes cujas doenças psicossomáticas têm raízes em crises de significado, como dores crônicas, fadiga e outras condições com componentes psicológicos.

## *Saúde Mental no Ambiente de Trabalho*

**Burnout e Estresse:** A visão existencialista pode ser aplicada para ajudar profissionais que estão passando por crises de burnout ou estresse extremo no trabalho, onde a falta de sentido ou propósito pode estar na raiz desses problemas.

**Desenvolvimento Pessoal:** uma abordagem baseada nos princípios do existencialismo pode ser utilizada para ajudar indivíduos a refletirem sobre sua trajetória de vida, seus objetivos, e o sentido do trabalho e das suas escolhas.

## *Gerontologia*

**Envelhecimento e Sentido da Vida:** À medida que as pessoas envelhecem, questões sobre o propósito de vida e o enfrentamento da morte tornam-se mais presentes. O uso da abordagem existencialista pode ajudar idosos a lidar com a finitude e a encontrar sentido em sua fase final de vida.

**Depressão em Idosos:** Muitas vezes, idosos enfrentam solidão, isolamento social e questionamentos sobre o legado que deixarão. A psicoterapia existencial pode ser uma ferramenta importante para ajudá-los a encontrar novos significados em sua realidade.

Em resumo, a visão existencialista pode ser uma ferramenta terapêutica valiosa em muitas áreas da saúde, proporcionando aos pacientes um espaço para explorar as questões mais profundas da sua existência e encontrar significado em suas experiências, especialmente em contextos de crise, perda e transição.

## **CONCLUSÃO**

A investigação acerca do existencialismo possibilitou um conhecimento inicial do que difere essa corrente das demais teorias filosóficas que têm como foco o ser humano. Os filósofos existencialistas não pretendem descobrir a origem do ser humano, questão já amplamente debatida na filosofia desde seus primórdios, mas descobrir a existência do ser humano, o sentido e a condição de tal existência. Essa busca passou a ser vista como necessária por alguns pensadores a partir de sua reflexão sobre um mundo rodeado de guerras e conflitos. Se existia um sentido para a existência do ser humano, além de todos os conflitos, era almejado conhecer esse sentido.

Foi Kierkegaard que deu início a essa investigação, e seus estudos logo influenciaram uma gama de pensadores, entre estes, o alemão Heidegger e o francês Sartre, cujas teorias foram fundamentais na filosofia contemporânea existencialista. Ambos os filósofos apresentam ideias que se assemelham e divergem em determinados pontos. Para Heidegger, existe o *Dasein*, que é o próprio ser. Para Sartre, existe o nada, que dará existência ao ser humano. Os filósofos desenvolvem suas teorias existencialistas em cima desses conceitos.

O *Dasein* existe no plano ontológico, ou plano existencial, e, nesse plano, se relacionará com os dados, ou coisas. Essa relação possibilita o ser humano como um ser-no-mundo. Ele conta com três traços existenciais, segundo Heidegger, que são: a relação do ser com algo ou alguém (isso o torna um ser-no-mundo); a existência do ser (o que permite ao homem ser fora de si, diante de si, por seus ideais, por seus planos e por suas possibilidades); e a temporalidade, que afirma a existência daquilo que é transitório. Assim, Heidegger conclui que o sentido da existência humana está nesses três traços que identificam o ser humano, ou seja, sendo o ser humano um ser que age, pensa, se relaciona com coisas e pessoas (primeiro traço), transcende seus ideais (segundo traço) e está essencialmente ligado ao tempo (terceiro traço), ele pode alcançar o sentido de sua existência.

Sartre oferece complementos a essa teoria e aplica, também, suas próprias concepções existencialistas. Para ele, antes de tudo o ser humano é um “nada”, e depois se torna um ser-para-si, que é a condição pela qual o homem tem sua realidade concreta no mundo e se torna capaz de agir, pensar, se relacionar, transcender, seguir o tempo através de sua vida e construir a sua essência. A existência precede a essência. O filósofo tem também influências fenomenológicas de Husserl e, com isso, elabora a ideia de que é a consciência que permite a passagem do nada para o ser-para-si, ou seja, a consciência permite a condição humana do ser. A consciência é a intencionalidade pura. Assim, quando o ser alcança sua condição humana, ele é obrigado a ser livre e fazer escolhas, escolhas, estas, que construirão sua essência no mundo, que geram responsabilidade para si e consequências para os outros seres humanos. Ao ter ciência dessas responsabilidades, é comum que o ser humano entre em angústia existencial, e essa angústia o impulsiona a agir cada vez mais.

A visão existencialista, com seu foco no sentido da vida, liberdade e enfrentamento da morte, pode ser amplamente aplicada como abordagem terapêutica em diversas áreas da saúde. Ela auxilia pacientes a lidar com crises de identidade, ansiedade e depressão, além de proporcionar apoio emocional e espiritual diante da morte ou grandes mudanças. Questões como o propósito da vida, a busca por significado e o vazio existencial podem ser trabalhadas em contextos de atendimento psicológico, psiquiátrico, cuidados paliativos e outras áreas ligadas ao bem-estar físico e mental.

A teoria existencialista alcançou tamanha força que influenciou outros campos epistemológicos, como a Psicologia, sobretudo nas abordagens existenciais e humanistas, e o Direito, no qual a própria Constituição Federal brasileira introduziu aspectos existencialistas, ao exercer o direito essencial que o ser humano tem de existir e ter direitos.

## REFERÊNCIAS

BRAGA, T. B. M; FARINHA, M. G. Heidegger: em busca de sentido para a existência humana. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 23, n. 1, p. 65-73, abr. 2017. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v23n1/v23n1a08.pdf>>. Acesso em 19 set. 2024.

BUCKINGHAM, W. et al. **O livro da filosofia**. 2.ed. São Paulo: Globo Livros, 2016.

CROWELL, S. **Existentialism: A Very Short Introduction**. Oxford University Press, 2020.

DIAS, E. F. P. A influência de Husserl em Sartre e o avanço da proposta sartriana na fundamentação de uma fenomenologia existencial francesa. **Pensar: Revista Eletrônica da FAJE**, v. 5, n. 1, p. 79-89, 2014. Disponível em: <<https://faje.edu.br/periodicos/index.php/pensar/article/view/2779/2954>>. Acesso em 19 set. 2024.

DREYFUS, H. L. **Being-in-the-World: A Commentary on Heidegger's Being and Time, Division I**. MIT Press, 1991.

EVANS, C. S. **Kierkegaard: An Introduction**. Cambridge University Press, 2015.

FLYNN, T. **Existentialism: A Very Short Introduction**. Oxford University Press, 2014.

GONÇALVES, I. C. M. A visão existencialista para a atualidade. **Justificando: Mentis inquietas pensam Direito**, Bahia, UFBA, abr. 2018. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/noticias/a-visao-existencialista-para-a-atualidade/567520384>>. Acesso em: 20 set. 2024.

HUEMER, W. "Franz Brentano". **The Stanford Encyclopedia of Philosophy** (Spring 2019 Edition), Edward N. Zalta (ed.), Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/archives/spr2019/entries/brentano/>>. Acesso em 20 set. 2024.

LISBOA, C. Introdução ao Existencialismo: perspectivas literárias. **Problemata: Revista Internacional de Filosofia**, v. 7, n. 2, p. 254-267, 2016. <http://doi.org/10.7443/problemata.v7i2.28570>

LUSTOSA, M. D. S. **O conceito de liberdade no existencialismo sartreano**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia). – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2019. Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/20174/1/TCC%20-%20MENARRY%20DIANGELY%20SILVA%20LUSTOSA.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2024.

NIETZSCHE, F. **The Gay Science**. Vintage Books, 1882.

PELLAUER, D.; DAUENHAUER, B. "Paul Ricoeur". **The Stanford Encyclopedia of Philosophy** (Fall 2020 Edition), Edward N. Zalta (ed.), Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/archives/fall2020/entries/ricoeur/>>. Acesso em 20 set. 2024.

PEREIRA, A. S. et al. **Metodologia da Pesquisa Científica**. Santa Maria/RS: UFSM, NTE, 2018.

PEREIRA, E. F.; MELO, T. V. O homem e a angústia existencial em Jean-Paul Sartre. **Psicologia – Revista eletrônica**, Garça/SP, 19. ed., 2012. Disponível em: <[http://faef.revista.inf.br/imagens\\_arquivos/arquivos\\_destaque/yeLXnSKdgXC1odj\\_2014-4-16-0-34-5.pdf](http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/yeLXnSKdgXC1odj_2014-4-16-0-34-5.pdf)>. Acesso em: 18 set. 2024.

PIMENTA, D. R. **Entre o Absurdo e a Revolta**: por uma proposta filosófica para o ensino de filosofia pensada a partir de Albert Camus. Tese (Pós-Graduação em Educação). – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2016. <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2016.967126>

PIMENTEL-SOUZA, F. **Søren Kierkegaard, Gênio foi Pai do Existencialismo**. Minas Gerais: UFMG, 2018. <https://doi.org/10.13140/RG.2.2.32284.33920>

REGINALDO, T.; PEREIRA, M. E. O existencialismo em Sartre: subjetividade e sociedade do conhecimento. **Filosofia da Educação**, Campinas/SP, v. 7, n. 1, p. 109-126, fev./mai. 2015. <https://doi.org/10.20396/rfe.v7i1.1744>

REYNOLDS, J. **Existencialismo**. 2. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014.

ROEHE, M. V.; DUTRA, E. Dasein, o entendimento de Heidegger sobre o modo de ser humano. **Avances en Psicología Latinoamericana**, Bogotá/Colombia, v. 32, n. 1, p. 105-113, 2014. <https://doi.org/10.12804/apl32.1.2014.07>

SARTRE, J-P. **Existencialismo é um Humanismo (L'Existentialisme est un Humanisme)**. Tradução de Rita Correia Guedes. São Paulo: Educadores Todavía, 2010. Disponível em: <[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/sugestao\\_leitura/filosofia/texto\\_pdf/existencialismo.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/sugestao_leitura/filosofia/texto_pdf/existencialismo.pdf)>. Acesso em: 17 set. 2024.

SCHNEIDER, D. R. O Método Bibliográfico em Sartre: contribuições do Existencialismo para a Psicologia. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Santa Catarina, v. 8, n. 2, p. 289-308, 2008. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/10745>>. Acesso em 15 set. 2024.

SILVA, F. L. Kierkegaard: o indivíduo diante do absoluto. **Revista Cult**, março de 2010. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/kierkegaard-o-individuo-diante-do-absoluto/>>. Acesso em 20 set. 2024.

SOUSA, L. N.; BOECHAT, T. A concepção ontológico-existencial de mundo e as bases ontológico-existenciais da linguagem na fenomenologia hermenêutica de Martin Heidegger. **Anais do XXV Seminário de Iniciação Científica**, n. 25, 2021. <https://doi.org/10.13102/semic.vi25.8853>

SULLIVAN, C. **Existentialism and Christian Faith**. Routledge, 2019.

TOSCANO, Y. F. M. El existencialismo y su relación con la psicología. **Luxiérnaga - Revista de Estudiantes de la Licenciatura en Filosofía de la UAA**, v. 13, n. 26, 2023. Disponível em <<https://revistas.uaa.mx/index.php/luxiernaga/article/view/5346>>, acesso em 20 set. 2024.

YOUNG, J. **Schopenhauer**. Routledge, 2018.